





EDITORIAL

“Na beira do mundo, querendo voar”: Boas-vindas à professora Ana Cláudia Aymoré Martins

Anderson da Silva Almeida

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF/2014). Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Editor da Revista Crítica Histórica e líder do Grupo de Pesquisas "Viramundo: coletivo de pesquisadores/as em história, ditaduras, transições a arte engajada", cadastrado no CNPq.

 <https://orcid.org/0000-0002-8532-8851>

 <http://dx.doi.org/10.28998/rchv15n29.2024.0001>

A Revista Crítica histórica pede passagem, mais uma vez, e apresenta ao público seu volume 15, número 29. No contexto que marca os 60 anos do golpe civil-militar de 1964, a chamada do Dossiê Especial sobre a Ditadura no Nordeste – organizado pela professora Ana Rita Fonteles Duarte, da Universidade Federal do Ceará (UFCE) e Anderson da Silva Almeida (UFAL) -, foi atendida por 12 autoras e autores, dos quais sete artigos foram aprovados/as para a publicação após os pareceres emitidos por trabalhadoras e trabalhadores que operam entre as pedras historiográficas, caminhando entre paisagens diversas - até o calo brotar - nas areias quentes daqui e d'além mar.

A fotografia que escolhemos para a capa faz parte do acervo da Assessoria de Comunicação da UFAL e foi registrada durante a visita do ditador Humberto de Alencar Castelo Branco à instituição, em agosto de 1966, quando o mesmo foi homenageado pelo reitor, Aristóteles Calazans Simões (A. C. Simões), com o título de professor *honoris causa*. Honraria que vigora até os dias atuais e que demonstra como a ditadura no Nordeste ainda carece de pesquisas mais aprofundadas, principalmente sobre as relações entre as “elites” dominantes (econômicas, intelectuais e eclesiásticas, por exemplo) com a ditadura. A.C Simões, em pleno 2024, nomeia o principal campus da UFAL, em Maceió. Mais detalhes sobre o Dossiê Especial, sugerimos a Apresentação escrita pelas/os organizadoras/es, Ana Rita F. Duarte e Anderson Almeida.

Soma-se ao dossiê, mais quatro artigos do fluxo contínuo e duas resenhas que fecham a última aba. A trupe que oferece aqui sua arte é bem diversa, plural e multicolorida, como deve ser uma boa crítica histórica. Como deve ser uma boa história crítica. Nesse sentido, temos ao todo 13 textos que, de certa maneira, indicam pegadas na areia de como anda nossa historiografia sobre a ditadura no Nordeste (dossiê) e demais recortes tempo-espço (fluxo contínuo e resenhas). Areias movediças, sim, mas também areias terapêuticas, coletivas, quentes, mornas e frias, formadas por microscópios grãos que edificam o todo. Invisíveis quando sozinhos/as. Potentes quando unidos e unidas, “feito colar de hippie”, partículas de um todo a se abraçar, nos sacrifícios peregrinos do ofício que nos ocupa, “até doer o calcanhar”.

Ao assumir a editoria da Revista, em meados de 2022, recebi a tarefa de dar continuidade ao trabalho de excelência que estava a ser realizado pelas companheiras que me antecederam, especialmente por Michelle Reis de Macedo, Ana Paula Palamartchuk e Irinéia Maria Franco dos Santos. Pesquisadoras e docentes engajadas na construção de uma universidade pública que ao mesmo tempo se preocupe com

uma rigorosa formação discente, que seja socialmente engajada e cientificamente conduzida, no mais alto nível, mesmo com poucos recursos financeiros e humanos. No meio do caminho, as pedras. Perdemos a professora Ana Paula Palamartchuk¹, a quem devemos lembrar sempre pelo seu compromisso político, por sua prática solidária e por suas atitudes engajadas. No entanto, aos poucos, passo a passo, devagar e divagando - meio sem rumo, meio sem prumo; meio perdido/a, meio achado/a; meio certo/a, meio errado/a; meio tonto/a; atordoado/a -, nossa dor do luto individual e coletivo foi transformada em potência e em energia movida pelos ventos que chegam dos litorais, dos agrestes e dos sertões alagoanos. De toda forma, era preciso continuar. Juntos, juntas e juntas - como se movem as dunas -, sempre arredias ao imobilismo, mesmo que os deslocamentos necessários trouxessem como consequências as dores que latejavam ao estourar dos calos que ignorávamos, “até moer o calcanhar”.

E segui acolhido, sempre de forma coletiva, e por isso meu agradecimento especial às “super” parceiras Lídia Baumgarten, Michelle Reis de Macedo e Irinéia Maria Franco dos Santos, por nunca, absolutamente nunca, terem largado a minha mão. Sobre Irinéia Santos, quero muito, mas muito mesmo, que vocês leiam o editorial que escrevi em dezembro de 2022. Prometem? Está logo aqui, a um *click*. A um passo. “Pra” descansar o calcanhar.²

Também quero agradecer em alto e bom som – de preferência ao som de um galope à beira-mar; de preferência ao som do mar salgado do riacho doce – à professora Luana Teixeira pela parceria, entrega e extremo compromisso durante essa peleja. Agradeço-lhe pelo profissionalismo, pelo balizamento ético e pela paciência quando algo fugia às nossas expectativas. Seu trabalho foi de suma importância ao longo desses dois anos de desafio editorial. Estendo minha gratidão ao então graduando – e hoje mestrando em História na Universidade de Lisboa, Joel Santos Reis -, pela grande força que nos deu com as questões técnicas e normativas. E, ainda, meu abraço à graduanda Nattachy Nackitta Alves da Silva, pelo excelente trabalho realizado em nossa difícil caravana retirante de tentar chegar ao público externo através das redes sociais. Com vocês, tudo ficou mais fácil. Foi possível, inclusive, deitar em outra rede - não virtual -, e “alevar os calcanhar”.

Por fim, nesse caminhar, estiveram comigo - além as mencionadas professoras e estudantes – outras parceiras e parceiros de viagem, a exemplo de Elias Veras,

¹ Ver Editorial do Volume 14, número 27. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/15909>. Acesso em: 19 jun. 2024.

² RCH 13 Anos. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/14769/10228>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Andréa Giordanna, Danilo Marques, Flávia Carvalho, José Vieira, Aruã Lima, Arrisete Costa, Pedro Vasconcellos e Ana Cláudia Aymoré Martins.

A propósito, foi intencionalmente que deixei o nome de Ana Cláudia A. Martins por último. A partir do próximo número é ela quem assume a direção do nosso time. Nossa experiente companheira - rigorosa com as letras e sensível com as lentes -, é andarilha, é partilha, é oceânica, ribeirinha, lagoa, laguna, farol e ilha. Um porto seguro, onde certamente estará assegurado o nosso futuro. Obrigado, Ana. Estaremos por aqui, entre os coqueirais, mandacarus, canaviais, milharais, areias e lamas. Nos mangues, nas matas, nas redes, no frio e nas chamas. Se um dia sentires calos a brotar, será a hora de descansar, de respirar, de viajar. De bailar o calcanhar. Até porque, certeza tenho, que em breve não precisaremos tanto dele(s). Com Ana, com vocês – autoras, autores, revisores, pareceristas, leitoras, leitores, estudantes, mochileiras e mochileiros -, nossa missão ficará mais leve. Ultraleve. Porque queremos, podemos e iremos voar.

Com calcanhares alados, estaremos com você, Ana Aymoré, juntas, juntas e juntos, para o que der e vier. Em qualquer terreno; sobre ou sob as pedras; em qualquer areia. Mesmo em tempos desafiadores para as revistas acadêmicas, onde se anunciam sendas estreitas e largos obstáculos com a chamada inteligência artificial (I.A) com seus *ChatsGPT/OpenAI/IAG* e similares, estaremos com você, Ana, “feito colar de hippie... até doer o calcanhar... na beira do mundo... querendo voar”.